

Contando histórias: uma vivência a partir da imaginação.

Arte como ferramenta para preservar a memória oral.

Telling stories: a lived experience based on imagination.

Arts as a tool to preserve the oral memory.

Tania Valena da Silva Noronha¹

Resumo: Relato de experiência com base em acontecimentos da minha infância, época em que era muito comum ouvir histórias. Com o tempo fui aprendendo a criar minhas próprias historinhas, atribuindo aos seus personagens diferentes vozes, expressas através de imagens. A partir deste aprendizado e com a facilidade que tenho de relatar casos e desenhar desenvolvi o projeto de contar histórias para crianças. Como exercício da disciplina Prática do Ensino da Arte na Educação Infantil apliquei-o na CRIARTE – UFES. Este relato mostra a importância de se manter o hábito de contar, ouvir e criar histórias infantis, buscando estimular as pessoas a expressarem seus sentimentos através não apenas do desenho, mas de outros meios das artes.

Palavras chaves: História. Criação. Desenho. Infância.

Abstract: It is a report of experience obtained from knowledge builded based on my childhood, listening to stories and learning to create my own stories, giving them diferent voices to the characters and creating images through drawing. Starting from this learning and my easyness to tell and create images and stories I have developed a Project of telling children's stories for children and applied it in CRIARTE - UFES. The report will show how important is to tell stories, where listen and create children's stories can become common and very practicle habits, just by stir up the will of creation of anyone, using not only drawing as a way of telling stories, but any other expressive way of Plastic and Visual Arts.

Keywords: Story. Creativity. Draw. Childhood.

¹ Cursando o 7º período de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

1-Introdução

Contar histórias é uma forma de estimular a criança durante sua infância, levando-a a viver num mundo de fantasia. Se esta história for dinâmica e diversificada despertará, com certeza, a atenção e a curiosidade dela. Pode-se usar não apenas a expressão oral, mas também outros meios expressivos da arte: gestos, desenho, pintura, recortes de papel e colagens, entre tantas outras técnicas artísticas. Alimenta-se, desse modo, a criança desde pequena, bastando apenas usar a criatividade.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial² (COELHO, 1999:14).

2- Aprendizagem e incentivo

Quando criança, ouvia histórias das “mil e uma noites”, de príncipes e princesas, todas contadas por minha mãe, que nunca se cansou de repeti-las. Quando não tinha mais contos de fadas para lembrar ou quando estávamos em algum lugar distante dos livros de histórias infantis, ela inventava: eu e meus irmãos ouvíamos tudo atentamente. Em minha mente surgiam os personagens e os cenários do que ela nos contava. Era costume dela fazer desenhos de personagens para as histórias. Lembro-me que criava bonequinhas de papel, fazias roupinhas para elas e nos dava para colorir e vestir as personagens que criava. Além de contar histórias e de criar personagens no papel, minha mãe nos incentivava a desenhar. Para isso comprava lápis coloridos e fabricava tintas caseiras com maisena, água e corantes comestíveis, deixando-nos à vontade para colocar no papel o que viesse em nossas imaginações.

² COELHO. Bethy. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1999.



Figura 1 - O Barquinho - Tania Valena da Silva Noronha - 1980

3 - Colocando em prática

Na quarta série do ensino fundamental, a professora passou um ditado: deveríamos escrever o que ela falava. Ela lia o texto e os alunos copiavam o que ouviam no caderno. Enquanto todos escreviam, eu desenhava - não qualquer coisa, mas o que ela ditava, em forma de quadrinhos. A professora parou e olhou o que eu estava fazendo. Ao invés de chamar minha atenção, deu continuidade ao texto. No final, recolheu o texto de cada aluno. Para mostrar o que criei naquele dia, refiz o desenho; porém, não exatamente da

mesma forma, pois é apenas para exemplificar. Isto pode ser feito por contadores de histórias.



Figura 2 - Ditado - Réplica do desenho realizado na 4ª série do Ensino Fundamental - Tania Valena da Silva Noronha - 2013

Já adulta, passei a criar minhas próprias histórias e contá-las para meus sobrinhos, que ouviam atentamente a minha voz registrada em um gravador de fita cassete. Ali fazia diferentes vozes e interpretava os personagens. Eles nunca souberam que era eu quem narrava. Com o passar do tempo foi ficando mais fácil contar e criar histórias. Muitas vezes, usei esta minha vocação para com meus próprios filhos. Assim como eu, eles não esquecem as historinhas que mais gostaram e gostam de ouvir.

Durante a infância de minha filha mais velha, Michelle, atualmente com 20 anos de idade, contava histórias a partir de recortes de revistas coloridas. Os personagens eram criados no momento em que contava e ela me ajudava na construção dos contos. Recortávamos as imagens e colávamos sobre papel: a historinha terminava como um trabalho de arte em forma de painel. Com Davi, meu filho caçula, hoje com 13 anos de idade, inventava histórias com sucatas. Como sempre tive mania de guardar objetos, como palitos de picolé, tampinhas de garrafas, potinhos de iogurtes, restos de fitas, cordões e tecidos, potes de manteiga, entre outros, pegava o material e junto com ele criava os personagens das histórias que contava para ele. Pratos de isopor, que embalam produtos comestíveis em supermercado, viraram pranchas de surf; um copo de plástico, esconderijo; Eram muitas as idéias que surgiam. Como não registrei estes momentos com fotos, recriei um dos personagens para apresentar neste relato.



Figura 3 - Material Reaproveitável - Acervo de Tania Vaelena da Silva Noronha



Figura 4 - Três personagens feitos com resíduos sólidos - Tania Valena da Silva Noronha - 2013

4 – Aplicação do projeto na CRIARTE – UFES

É preciso saber contar uma história utilizando como ferramenta a arte, de modo a instigar o pensamento e a imaginação de quem ouve e até mesmo de quem conta. Em uma das disciplinas do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, ministrada pela professora Dianni Pereira, foi pedido um projeto para ser aplicado em uma escola de educação infantil. Escolhi o Centro de Educação Infantil CRIARTE, situada no campus da UFES.

Neste projeto usei a linguagem falada e visual, com imagens coloridas desenhadas à mão com canetinhas coloridas e lápis de cor, um material constante em meu trabalho. A minha história falava de Ana dos Cabelos Cacheados, uma menina que tinha como melhor amigo Pedrinho. Ana dos Cachos foi a primeira imagem apresentada às crianças; em seguida, as imagens do amiguinho de Ana, da escola, da sua casa, do lugar onde gostava de ficar e dos seus pais. Todos os desenhos chamaram a atenção da turminha: o

pai de bigodão, o bolo de aniversário com velinhas - as crianças comentaram que agora “ela não tinha mais quatro anos”, pois associaram o desenho a uma fotografia, ou seja, o aniversário já havia acontecido, restando apenas a foto do bolo. Todas ouviram atentamente, fizeram comentários e ajudaram na construção do conto deixando-o ainda mais interessante. A contribuição delas permitiu que a história ficasse ainda mais rica, cheia de surpresas, a partir do momento em que usavam suas linguagens e imaginação, criando estilos e nomes para os personagens que surgiam, comparando a escola à Criarte, indagando e rindo muito do bigode grande do pai da personagem principal. Aproveitei para perguntar sobre cada uma delas, sobre a creche, sobre o que mais gostavam de fazer quando não estavam na escola, dando início à segunda parte do meu projeto.

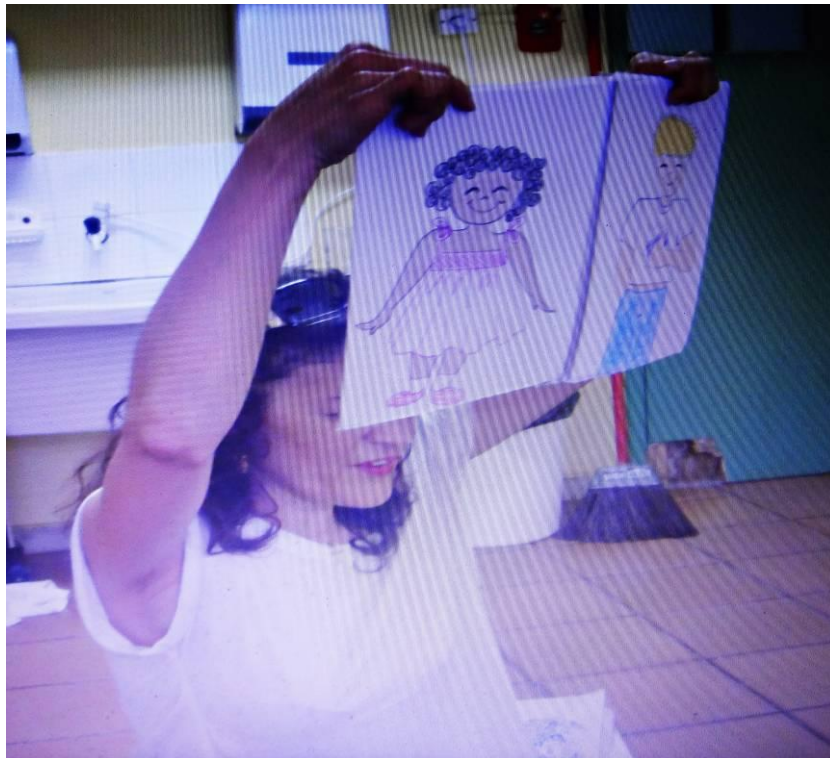


Figura 5 - Contando História 1 - 2013

Pedi para que as crianças se levantassem e, com ajuda das auxiliares da creche, distribuimos folhas de papel sulfite branco e lápis de cor. Cada aluno foi estimulado a desenhar livremente histórias reais ocorridas em suas casas ou na escola. Podiam usar desenhos e focar qualquer assunto, tendo como referência a história contada em sala de aula. O resultado foi muito bom. Todas as crianças participaram. Os desenhos foram entregues na CRIARTE e devolvidos à seus autores.





5 – Conclusão

Após essa experiência percebi o quanto é importante contar histórias e desenvolver junto trabalhos de arte, de forma a colocar vida ao que se ouve e ao que se conta. Este ato de criação transforma o espaço num ateliê, com recortes, pinturas, esculturas, desenhos e tantas outras formas de se fazer arte e de se contar uma história. A história contada pode ser real ou fictícia, basta usar a imaginação e a criatividade.

Posso dizer que, graças a minha mãe - e não posso deixar de citar meu pai, que contava as histórias do mundo real e como radialista nos envolveu com a música -, sou hoje esta pessoa com facilidade para desenhar e escrever contos infantis. Este relato confirma o quanto é importante incentivar desde cedo a criança a ouvir histórias e a criar seus personagens, como também inventar suas próprias histórias como forma de alimentar sua imaginação, ajudando no desenvolvimento cognitivo e motor.